

Estado de Pernambuco e Documentação
3936
BIBLIOTECA
Data ____/____/43
PIAÇAVA

F
633.59
R 696

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ____/____/____
Cod. 5159

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho é uma compilação das escassas informações existentes sobre a piaçava no Brasil. Além da literatura disponível tratar-se de publicações antigas, na sua maioria, estas refletem, sem acrescentar muita coisa, as observações feitas por Gregório Bondar no Boletim nº 13 do Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia, editado em 1942. Desconhece-se resultados de quaisquer trabalhos experimentais realizados com a piaçava.

Em 1965, o Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Leste, através de sua Estação Experimental de Una, iniciou uma programação com vistas ao estudo de práticas culturais e melhoramento da piaçaveira. Nesta programação previa-se a determinação de método para germinação de sementes de piaçava, observação de quadras de comportamento para correlação com as plantas nativas, determinação do melhor método de plantio e do melhor espaçamento. Os trabalhos foram interrompidos em 1969, por motivos superiores quando apenas estavam em andamento os estudos de germinação e o campo de comportamento. Quanto aos resultados, nada se pode adiantar até o presente.

Apesar da exploração da piaçaveira continuar na base do extrativismo, em virtude da inexistência de dados necessários ao estabelecimento de plantios racionais, ainda assim, a fibra desta palmeira constitui no presente importante fonte de renda, figurando como um dos produtos de exportação do país.

181CT - Convênio
S. 3 79 -
LucasNet

2. DESCRIÇÃO BOTÂNICA:

A espécie Attalea funifera Mart, conhecida vulgarmente por piaçava, piaçaba, piaçava-da-bahia e piaçaba-da-bahia, pertence à família Palmae, sub-família Ceroxylinae, tribu Attaleianeae (15) e (3).

Asua origem é genuinamente brasileira cuja distribuição se limita ao litoral do Estado da Bahia, desde o norte até o rio Corumbá no município de Prado. (15).

Martius, na Flora Brasiliensis, descreve a piaçaveira como uma espécie de caule alto, cilíndrico, liso; fôlhas erecto-abertas; pecíolos na margem fibroso-dissolutos; folíolos agregados em grupos de 3-5, divaricados, largo-lineare-acumulados. Espádice andrógino com ramos numerosos terminados em espigas masculinas longas, flôres femininas de uma a duas assentadas na base grossa; flôres masculinas de 6 estames; pétalos linearelanceolados, obliquo-acuminados, planos de comprimento duplo dos estames; drupa grande, elipsoide-acuminada, cêrca da quinta parte envolta; endocarpo duro, grande, 2 - 3 "spermo".

"Caule 6-10 metros de altura e de 25 a 30 cm. de diâmetro. Fôlhas de comprimento do caule, densas na base; pecíolos com longas fibras marginais corneo-elásticas; folíolos no dorso albo-flocosos, agregados em grupos distintos, esparsos sob diversos ângulos, em média cêrca de 50-60 cm de comprimento, por 4-5 cm de largura, 11 nervuras, das quais 6 bem visíveis; para ápice de fôlhas os folíolos são menores, de 20 cm de comprimento, bem agregados em grupos. Espádice robusto, ráquis ramificado, de 50 cm de comprimento; ramos andróginos de cêrca de 10 cm de comprimento, ramos no espádice masculino (em número de 70-80) na base caloso engrossados e retorcidos, de cêrca de 10 cm de comprimento, distante unilátero escrobiculados, escrobiculos biflores".

"Flores masculinas de mais de 20 mm de comprimento, pétalas de 4-5 mm de largura, aplanadas na base e no ápice; estames curtos de 8-9 mm de comprimento; anteras sagitado-lineares; filamentos curtos".

"Drupa grande, obscuro-fosca ou nigrescente, de cêrca de 10 cm de comprimento e de 5 a 6 cm de diâmetro, ovóide, vértice alonga do em forte rostro; androceu abortivo na base, grande lacerado; endocarpo de espessura de 1cm, com muitas fibras de mesocarpo na base, superfície lisa".

"Amêndoa oblonga, de 40 mm de comprimento, por 15-18 de diâmetro, rafe largo ascendentes, com ramificações fuscas, nítidas, impressas no fundo nigrescente, reticuladas". (3).

3. FITOGEOGRAFIA E ECOLOGIA:

A piaçaveira está distribuída no litoral baiano, desde o município de Jequiricá até o rio Corumbá, município de Prado. Ocupa uma estreita faixa de terrenos litorâneos de origem geológica Terciária. Não, ocorre no interior do Estado, porém, pode ser encontrada no Recôncavo baiano, até o Rio Real, nos limites com Sergipe, apresentando-se em densos bosques nativas com plantas acaules e muito pobres em fibras. Apesar da piaçaveira acaule ter sido classificada como outra espécie, ~~/~~ Attalea acaulis, Bondar acredita tratar-se da mesma espécie A. funifera quando desenvolvendo em solos pobres e em região de pluviosidade mais baixa (3).

Efetivamente as maiores concentrações do piçava encontram-se no litoral Sul do Estado, compreendendo os municípios de Valença, Una, Ilhéus, Canavieiras, Porto Seguro, Belmonte, Prado, Cairu, Itacaré, Maraú, Camamu, Ituberá, Toporoá e Nilo Peçanha. No Recôncavo, ocorre nos municípios de Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe e Jaguaripe. (5) e (12).

Martius descreve a formação de matas litorâneas onde está localizada a piaçaveira como a zona das Dryades. Cordeiro, (5), diz que as matas do litoral estão a 80 metros ou mais acima do nível do mar, em solos arenosos que repousam em camadas profundas de barro-argiloso, de barro-siltoso, assim por diante. As matas são densas, pletóricas de cipós, raízes pendentes, distantes 6 a 20 Km do litoral. "Nessas regiões, não temos dúvidas em afirmar que o ciclo biótico e morfológico das dunas influenciaram nas formações de solos e matas e são como uma transição do quaternário para o cristalino, ou

melhor, constituem o Terciário da região". As matas tem o solo coberto por espessa manta de materia orgânica, denominada vulgarmente de mussununga. A piaçaveira, palmeira rústica, vegeta espontâneamente nêste meio em competição com outras essências florestais, como o pau ferro (*Cesalpinia ferrea*), o jataí (*Hymenaea*), o angico (*Piptadenia*) etc. (5).

4. ASPECTOS GERAIS:

A piaçaveira quer solos arenosos, leves e profundos, entretanto, podem adaptar-se em terrenos mais enxutos, na mata sêca, sendo nêste caso, menos produtiva. Na terra fértil, é dominada, ou custa a vencer a competição. (5).

Ocupa a zona de transição do litoral Sul-Baiano, tida como imprópria para as culturas do cacau e da seringueira (8).

Os piaçavistas, distinguem três períodos principais no ciclo desta palmeira: 1) o período de patioba, quando a palmeira é nova, acaule, produzindo poucas fibras e estas são curtas, 2) período de bananeira, quando as palmas são altas, pecíolos longos, dando boa fibra, porém o palmito ainda está enterrado; 3) o período de coqueiro, quando a piaçaveira formou estipe ou tronco, mais ou menos elevado acima do solo. (3), (5) e (15).

Nos períodos de patioba e bananeira, as fôlhas são verticais, atingindo, na segunda fase o comprimento de 10 a 12 metros. As fibras que se desprendem das margens do pecíolo e as que constituem a parte envolvente na base da folha, abraçando o tronco, constituem a fibra da piaçava. Geralmente a fibra de "bananeira" é mais longa, devido às fôlhas mais compridas, com pecíolo desenvolvido em comprimento. Nas palmeiras em idade de coqueiro, as fôlhas são um tanto declinadas, pecíolos menos alongados e a fibra, não obstante mais abundante, é menos comprida. (3).

O desenvolvimento da piaçaveira depende do solo e do clima. Supõe-se que o estado de patioba leve de 4 a 6 anos para alcançar o estado de bananeira, quando já produz boa fibra que pode ser explorada com seu amadurecimento, isto é com 3-4 anos. Conclui-se que a piaçaveira leve de 6-8-10 anos para permitir a exploração econômica de

sua fibra. Quando plantada, em geral, no quarto ano pode ser explorada. Mesmo como palmeira nativa, ela precisa de trato cultural para produzir melhor. Êste trato, consiste em limpar a palmeira "patioba", retirando-se as fibras curtas e finas que contribuem para o atrofiamento da planta. Desta forma, aos 8-10 anos a mesma já está produzindo boa fibra; suas fôlhas já alcançaram cêrca de 8-10 metros de comprimento. Uma palmeira produz em média 8 a 10 fôlhas por ano e cada uma dessas dá em média 500 a 800 gramas de fibras, correspondendo à média anual de 6 kg de fibra por pé. Constitui ainda trato cultural, a limpeza em volta da palmeira, roçagens e capinas. As palmeiras nativas que recebem êste tratamento, são chamadas de "cultivadas" enquanto que as outras por não receberem trato, produzindo menos fibra são chamadas de "piaçaveiras do mato". (5).

5. EXTRAÇÃO DA FIBRA:

A coleta da fibra deve ser feita uma única vez por ano. As fôlhas já desenvolvidas e maduras são cortadas a facção pela base e extraindo-se as fibras que se desprendem lateralmente ao longo dos pecíolos foliares, assim como, aquelas que envolvem o tronco como bainha. Um homem prático tem condições de colher cêrca de 3 arrobas de 15 kg de fibra bruta; procede em seguida a sua limpeza que consiste em retirar as mais compridas, as médias, as pequenas e a bôrra. Com isso, uma piaçaveira costuma produzir por dia de serviço, apenas 15 kg de fibras de primeira. A piaçaveira "cultivada" no estado de bananeira, dá em média de 8 a 10 kg de fibra por pé por ano. O "coqueiro", produz menos e com a idade vai diminuindo de produção oferecendo fibras mais curtas. A duração de vida de uma piaçava em exploração é de mais ou menos 20 anos. (3), (5) e (15).

6. PRODUÇÃO DE COQUILHOS:

O coquilho é o fruto da piaçaveira. A sua exploração que é muito reduzida, poderia constituir uma grande fonte de renda. Uma piaçaveira produz, em média, 200 a 500 coquilhos que pesam de 50 a 200 gramas cada um. Um cacho pesa em média 60 kg. A produção de coquilhos só se verifica do décimo ano em diante. Os coquilhos da piaçaveira, muito se assemelham ao babagu e tem quase as mesmas finalidades. (5).

7. IMPORTÂNCIA ECONÔMICA:

Na Bahia, a piaçava, além de empregada em pequena quantidade na confecção de cordas, cestos, invólucros para maringas, vassouras, e outros artigos domésticos de uso local, constitui matéria prima importante de exportação para outros Estados do Brasil e para o exterior. Os países importadores da piaçava, tem sido pela ordem de importância a Inglaterra, Estados Unidos, União Belgo-Luxemburguesa, Portugal, Argentina e Alemanha. (15).

A classificação da fibra da piaçava (inclusive a piaçava do Pará, Leopoldina, piassaba) está sujeita às especificações e tabelas baixadas com o Decreto nº 17.740 de 2 de fevereiro de 1945. Segundo este, a piaçava é classificada, conforme o seu preparo, nos dois grupos seguintes: piaçava em molhos e piaçava cortada. A piaçava em molhos é diferenciada em 3 classes, consoante o diâmetro: fina, média e grossa. Para cada uma destas classes, existem três tipos: Tipo 1 (primeira), tipo 2 (segunda), e tipo 3 (terceira), de acordo com limpeza, coloração, flexibilidade, resistência e comprimento. (15).

A piaçava cortada, observadas as exigências concernentes a cor, flexibilidade, teor de umidade, estado de limpeza e mistura de fibras, é classificada em três categorias: grossa, média e fina.

A piaçava em molhos e a piaçava cortada são enfardada em fardos de 60 e 50 kg, respectivamente.

A fibra é resistente, rígida, lisa, de textura impermeável, variando na cor marrom claro a marrom-vermelha escuro e, na grossura, desde de cerca de 5 mm de diâmetro, na base, até a finura de um cabelo, na extremidade superior. A resistência à ruptura varia de 2,5 kg e 7,9 kg, com média de 5,3 kg e a elasticidade de 1,75 a 9%, com média de 4,25%. O comprimento das fibras elementares varia de 0,28 a 0,89 mm. (13).

O seu uso na indústria de escovas abarca amplo campo, desde escovas leves de roupas até escovas de varrer para serviços pesados, como vassouras mecânicas de limpeza de ruas. Entra, ainda, no fabrico de cabos marítimos, obras de defesa de navios etc. (15).

Segundo a Bolsa de Mercadorias da Bahia (10), o movimento de exportação de Piaçava neste Estado nos últimos cinco anos é o seguinte:

| | 1966 | 1967 | 1968 | 1969 | 1970 |
|-------------------|--------|--------|--------|--------|------|
| Toneladas | 5400 > | 4460 > | 4101 < | 4391 > | 3738 |
| Valor em Cr\$1000 | 5127 < | 6329 > | 5736 > | 5663 > | 5550 |

8. POSSIBILIDADES DE CULTIVO:

Devido a falta de dados técnicos necessários à implantação de piaçaveira como uma cultura nacional a sua exploração é até hoje feita extrativamente (10). Entretanto, falam-se de pequenas áreas que estão sendo cultivadas nos municípios de Nilo Peçanha e Tape-roá.

Bondar, (3) escrevendo sobre plantio e cultura da piaçava, diz que as sementes devem ser germinadas em sementeiras preparadas em areia solta, expostas aos raios solares e regadas diariamente. As sementes devem ser ligeiramente enterradas, de 2 a 5 cm. Ao fim de dois a três meses, as sementes que já começam a emitir raiz, de vem ser logo plantadas no lugar definitivo. Recomenda o espaçamen to entre árvores de 3m x 3m, distância suficiente para cobrir um hectare com 1111 pés.

É ainda Bondar (3) que recomenda a instalação de culturas in tercalares tais como milho, feijão, mandioca etc., conforme a ca- pacidade do terreno e desde que estas culturas não sombreiem de- masiadamente as palmeiras em crescimento.

9. P R A G A S:

Bondar (3) constatou a ocorrência das seguintes pragas ata - cando a piaçaveira no Estado da Bahia:

Rhynchophorus palmarum Latr, a broca do palmito.

Rhina barbirostris Fabr. e Macrodonia servicornis L. - Bro- cas do tronco.

Homalinotus coriaceus Gyll. - Desenvolve-se na base dos pecíolos e na forma adulta atacam as flores e os frutos.

Hemispærota tristis Boh., Deloclarinia cossyphoides Gur e os coccidios Asterolecanium bondari Lepage e Limacoccus serrari Bondar atacam folhas da piaçaveira.

Dialomia polyphaga Bondar desenvolve nas inflorescências abortadas.

Balanephaqus attaleas Hus, Hoplorhinus unicolor Hust e Phytotribus attales Hust aparecem nas espatas já servidas.

Pseudocentrinus punctatus Hust aparecem nos ramos e pedúnculos florais das inflorescências masculinas.

Pachymerus nucleorum Fabr. aparece nos frutos maduros, caídos ao chão. Constitui a maior praga das sementes de palmeiras na América (3).

B I B L I O G R A F I A

1. X BONDAR, GREGÓRIO. Algumas plantas fornecedoras de fibras que podem ser cultivadas na Bahia. Bahia Rural 5(49-50): 1821-1824. 1937.
2. - _____ Novos curculionídeos das flores de palmeiras III. Rev. de Entomologia 12(1-2): 280-281. 1941.
3. X _____ A piassaveira e outras palmeiras attaleanias na Bahia. Boletim do Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia nº 13. 1942.
4. - _____ Um novo colydiídeo, praga das palmeiras. Rev., de Entomologia 11(3): 852-852. 1940.
5. A CORDEIRO, HEITOR. A piaçava. Boletim da Seção de Fomento Agrícola no Estado do Pará. 6-7 (único): 99-120. 1947-48.
6. A CORREA, M. PIO. Fibras têxteis e celulose. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919. pg. 8.

7. - COSTA, J. SIMÃO da. Plantas fibrosas, indígenas e exóticas, sua exploração industrial. In: Granato L. Cultura do algodoeiro. Rio de Janeiro, Rev. dos Tribunais, 1922. pp. 1-66.
- ✓ 8. - EDELWEISS, F. SAMPAIO. Pesquisas iniciais com a piaçaveira. Una, s.d. 2 pg. (datilog.).
9. - _____ Relatório anual da Estação Experimental de Una do ano de 1965. Una, 1965. 10 p. (datilog.).
10. - GONSALVES, ALPHEU D. O Babaçu. Rio de Janeiro, SIA, 1955. pp.53.
11. - INSTITUTO DE PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÃO AGROPECUÁRIAS DO LESTE. Relatório anual de projeto de pesquisa, programa piaçava. Cruz das Almas, IPEAL, 1965. 2 p. (datilog.).
12. - MARTIUS, C.F.P. de. Flora brasiliensis. Monachii, Lipsiae, 1878 1882. v. 3; p. 2. pp. 436.
13. - MATONS, AUGUSTO. Diccionário de agricultura zootecnia y veterinaria. Barcelona, Salvat, 1940. t. 3 pp. 176.
14. - MEDINA, JÚLIO CESAR. Plantas fibrosas da flora mundial. Campinas, Instituto Agrônômico, 1959. pp. 137-140.
- ✓ 15. - MORAES, PAULO de. Manual prático de agricultura. Lisboa, 1896. t. 2 pp. 173-174.
16. - PEREIRA, ADIEL M. Relatório apresentado ao Sr. Diretor do IAL. Una, 1952. 7 p. (datilog.).
17. - SCHERY, R. W. Plantas utiles al hombre (botânica econômica) Barcelona, Salvat, 1956. pp. 246.
- ✓ 18. - AS SETE FIBRAS textéis brasileiras de maior valor comercial. Boletim da Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio do Estado da Bahia 51 (jan-dez.): 36-42. 1955.
19. - WASHINGTON. Unión Panamericana. Fibras vegetales y su produccion en América. Washington, D.C., 1941. 101 p.